
O Artesanato E A Festa Presentes Para A Movimentação Econômica E Coesão Social Da Vila Do Vitorino¹

Clara Daniella Martins Alves²
Dayane Jeniffer Silva Carvalho³
Luis Enrique Lopes do Nascimento⁴
Fabiana Moraes da Silva⁵

Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, PE

RESUMO

Enxergando as festas e o artesanato para a movimentação econômica das cidades, observaremos como se dão as relações comerciais na Vila do Vitorino, distrito de Riacho das Almas no interior de Pernambuco, que tem o cipó como seu material principal. Analisaremos a partir disso, a produção do artesanato e o Festival do Frio, que acontece no dia 29 de junho, trazendo os maiores picos de movimentação populacional. Nossos conceitos bases serão a partir do livro *As culturas populares no capitalismo* de Canclini. Além deste autor, iremos fazer relação com os demais autores e suas respectivas obras: Benjamin, *A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica*, Oswald de Andrade, *Manifesto de Pau-Brasil* e o *Manifesto Antropofágico* e Freyre, *Manifesto Regionalista*.

PALAVRAS-CHAVE: Festa; Artesanato; Comércio; Cultura.

INTRODUÇÃO

A economia da Vila do Vitorino é movimentada pela agricultura e agropecuária. Para suprir a renda da família, são vendidas peças de artesanato feitas com o cipó retirado das árvores trepadeiras das cidades vizinhas, como Caruaru e Garanhuns. As tiras do material se transformam em utensílios domésticos, objetos de decoração, brinquedos entre outros fins.

Dessa forma, abordaremos essas perspectivas com base em uma análise de campo na vila, na qual conversamos com alguns habitantes e artesãos da arte do cipó. As análises

¹ Trabalho apresentado na II07 - Comunicação, Espaço e Cidadania do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

² Estudante do curso de Comunicação Social do Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: clara.dani2000@gmail.com.

³ Estudante do curso de Comunicação Social do Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: dayanejeniffer2@gmail.com.

⁴ Estudante do curso de Comunicação Social do Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: nrqlopes7@gmail.com.

⁵ Orientadora da pesquisa. Professora do curso de Comunicação Social do Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: fabimoraes@gmail.com.

serão entendidas a partir das transições entre o urbano e o rural, o moderno e o primitivo, consumo como uma apropriação simbólica, o ciclo do capital, os objetos de coesão social em volta da festa que ocorre no mês de junho e da perpetuação da tradição. Todas essas concepções estão presentes no livro de Canclini *As culturas populares do capitalismo* (1983), nos capítulos relacionados ao artesanato e a festa, entre outros textos e livros que ajudarão na construção desse raciocínio.

A simbologia dos produtos vem se reinventando de acordo com o tempo, modo de vida e as influências externas a partir da globalização. Diante dessas mudanças, a sociedade capitalista está muito cercada pela ideia de buscar sempre o inovador, e vê nos produtos “primitivos” a saída do sistema tecnicista. Os consumidores ao se esgotarem desse sistema, precisam de opções fora do meio industrial. Os artesanatos trazem esse sentimento de originalidade e exotividade, provocando no indivíduo uma ligação com a cultura tradicional e folclórica (CANCLINI, 1983).

O artesanato serve-se dessa carência pelo exótico para manter uma coesão social e econômica na vila que possui menos de mil moradores, que participam de uma tradição mantendo o artesanato feito com cipó e fazendo dele uma renda extra. O que antes gerava a renda base para a família, de acordo com a percepção dos moradores. Esses atuais artesãos da Vila do Vitorino, produzem em grande quantidade para os feirantes, como no caso da Feira de Caruaru, que superfaturam nas suas vendas. Por este motivo, o artesanato serve apenas como uma renda extra para o fabricante, pois muitas vezes para vender, ele precisa fazer um preço mais acessível para que os feirantes possam investir.

Temos também como tradição do município o Festival do Frio que ocorre no dia 29 de junho, onde se tem as menores temperaturas atingidas do ano na vila. O festival surgiu por causa das interferências climáticas do local, junto com a ideia da Prefeitura de Riacho das Almas, que observou assim um meio de movimentar a economia e o turismo do Vitorino que é afastado da cidade. O festival conta com atrações de cantores da região, em sua grande maioria do gênero forró. E somado a isso, a venda de produtos do ramo alimentício, como os *fast foods* americanizados e as vendas de objetos decorativos e brinquedos de plástico, vidro e madeira, que são trazidos de lojas dos centros das cidades vizinhas. Enquanto que, os artesanatos de cipó não são acrescentados ao cenário e não modificam na renda dos seus produtores.

FESTIVAL DO FRIO E SUAS REPRESENTAÇÕES NO CENÁRIO RURAL

Baseando-se no livro de Canclini (1983), em específico no capítulo *Festa e História: celebrar, recordar, vender*, iremos analisar e comparar características abordadas sobre as festas populares mexicanas trazidas no livro com o Festival do Frio da Vila do Vitorino. Logo no começo do capítulo, expõem-se os pontos que fazem a festa ser considerada camponesa ou urbana. A camponesa se caracteriza: por uma ruptura do tempo, caráter religioso e coletivo do fenômeno da festa, sem exclusão de nenhuma classe, expressão de uma comunidade local, com a necessidade de ser realizada em grandes espaços abertos e ao ar livre. Já nas festas urbanas, o livro destaca: o caráter fortemente privado, exclusivo e seletivo da festa, sua necessidade de ser realizada em espaços fechados e sua realização em função do consumo.

Com isso, analisando as características da festa urbana e camponesa, percebe-se que o Festival do Frio apresenta características dessas duas classificações. Os pontos da festa urbana que se pode ver claramente no festival é a movimentação a partir do consumo, pois o motivo da existência do festival não é em função de cultos religiosos, mas sim, para estimular a economia da cidade. Já a respeito das características da festa camponesa, esse festival se encaixa pelo seu modo coletivo, já que todos os cidadãos participam da festa vendendo seus produtos gastronômicos ou indo para os shows, assim como sua realização em locais públicos.

A partir disso, nos baseamos nas observações de Canclini em várias festas que ocorrem no México, entre elas a festa de Patamban. Essa festa mexicana ocorre todo ano no final de outubro e possui algumas semelhanças e diferenças do festival que estamos analisando.

“De acordo com o sacerdote de Patamban, a festa foi criada há quinze ou vinte anos por um padre anterior com o objetivo de atrair visitantes e de promover a venda do artesanato. Por isto ele organizou a decoração das ruas e da igreja com tapetes de flores naturais, com arcos de madeira cobertos com flores e frutas e com arranjos de papel (composturas) que ficam dependurados em fios preenchendo o espaço visual das ruas. O resto dos informantes atribui à festa entre vinte e trinta anos de antiguidade e diz que ela foi criada por motivos religiosos; de acordo com eles, ela começou a possuir aspectos comerciais muitos anos depois de sua criação.” (CANCLINI, 1983, p.118).

Com isso podemos perceber um ponto de semelhança entre as festas, que é sua criação por causa de fins econômicos, para aquecer a economia local e a participação da

população que colabora por completo da festa. No entanto, mesmo possuindo a mesma finalidade, sua base é diferente, pois a festa de Patamban foi organizada pela igreja, enquanto no Vitorino foi feita pela prefeitura da cidade. Além disso, o festival analisado conta com a participação popular por meio das barracas de comidas e revenda de produtos industrializados, entretanto em Patamban essa participação se dá por meio do artesanato, que não recebe atenção especial no evento que ocorre no Vitorino.



Festival do Frio de 2018, com a apresentação do Trio Pé de Serra.

Foto: Arquivo da internet

A COMERCIALIZAÇÃO DOS ARTESANATOS DE CIPÓ

Com a alta produção dos artesanatos feitos de cipó no distrito do Vitorino, a partir da sua popularização entre os habitantes, acaba adquirindo um pequeno mercado, devido essa variedade de artesãos na área. O Festival do Frio, criado para movimentar a economia local, traz consigo turistas para aquela localidade, mas a venda dessas peças não sofre grandes alterações, pois, como dito no capítulo anterior, a rede mercadológica segue outro parâmetro.

Assim, a vida na vila torna-se mais complicada pelo crescimento de artesãos que produzem o mesmo produto, que tem como opção vender aos feirantes, por um preço superbaixo, já que eles não têm como investir em lojas e transporte. Porém, os feirantes

de grandes bancos nas principais feiras da região, superfaturam com essas peças. Essa superlotação do artesanato no povoado está ligada também aos ensinamentos da fabricação das peças, que é passando de geração em geração e com isso mantém toda a família entrelaçada pelo mesmo propósito e se estabelecendo em um processo de coesão social que limita o êxodo para as cidades circunvizinhas.

“Do ponto de vista dos camponeses, a produção artesanal faz com que seja possível manter a família unida e alimentada no povoado do qual sempre se sentiram fazendo parte. Do ponto de vista do Estado, o artesanato é um recurso econômico e ideológico utilizado para limitar o êxodo camponês e a consequente entrada nos meios urbanos de maneira constante de um volume de força de trabalho que a indústria não é capaz de absorver, e que agrava as já preocupantes deficiências habitacionais, sanitárias e educacionais.” (CANCLINI, 1983, p.64).

Esse consumo pelos compradores das grandes feiras e os feirantes, parte de toda uma cadeia de racionalidade econômica, sociopolítica, consumidora e de integração social entre o objeto e toda a ideia que o envolve dentro da produção mercadológica. Sendo assim, ao utilizar e realizar a compra de um produto, nós nos apropriamos de todas as ideias propostas e de uma ordem de pensamento sobre a análise dos objetos adquiridos e todo seu viés de exploração.

“Comprar objetos, pendurá-los ou distribuí-los pela casa, assinalar-lhes um lugar em uma ordem, atribuir-lhes um lugar de uma ordem, atribuir-lhes funções na comunicação com os outros, são recursos para se pensar o próprio corpo, a instável ordem social e as interações incertas com as demais. Consumir é tornar mais inteligível um mundo onde o sólido evapora.” (CANCLINI, 1997, p.59).



Casa com as amostras de cipó produzidos.

Foto: Dayane Carvalho

O VALOR SOCIAL E CULTURAL DOS ARTESANATOS DE CIPÓ

O artesanato feito com cipó é tradicional nas famílias do Vitorino, passado de geração em geração. Mas sua venda não gera de fato uma renda fixa. Geralmente, a compra desses produtos artesanais é vista para decoração, baseando-se em um pensamento que visa o contraste entre o rústico e o moderno. Isso ocorre quando os donos de sítios próximos deste município compram os objetos feitos de cipó para se absorver uma natureza nostálgica. Dessa forma, as peças de cipó, como são elaboradas a mão, servem para contrastar com a industrialização. Com isso, percebemos que os objetos vistos como “primitivos” acabam tendo uma valorização apenas quando vistos pela sociedade industrializada como rústicos.

“As peças de artesanato podem colaborar nesta revitalização do consumo, já que introduzem na produção em série industrial e urbana — com um custo baixíssimo — desenhos originais, uma certa variedade e imperfeição, que por sua vez permitem que se possa diferenciá-las individualmente e estabelecer relações simbólicas com modos de vida mais simples, com uma natureza nostálgica ou com os índios artesãos que representam esta proximidade perdida.” (CANCLINI, 1983, p.65).

Sobre o capítulo *A produção artesanal como uma necessidade do capitalismo* de Canclini (1983), no qual ele diz que os artesãos preferem não usar tanto suas peças, querendo algo industrial por ser mais barato. Percebemos que no Vitorino, os indivíduos em suas casas têm muito de suas peças para utilização cotidiana, indo contra ao que Canclini disse. Mas concordamos, quando Canclini diz que esses objetos chamam a atenção das pessoas de fora, desse meio cultural mais específico, por ser um material rústico. Porque de fato, é interessante para o turista trazer algo mais manual, porque é diferente para eles que vivem constantemente no âmbito da tecnologia, no qual quase tudo é feito por máquinas.

“Existe, deste modo, um duplo movimento do consumo. Por um lado, a roupa e os objetos domésticos de origem indígena são cada vez menos utilizados nas sociedades camponesas porque são substituídos por produtos industriais mais baratos ou atraentes devido ao seu desenho e suas conotações modernas. Mas a produção artesanal decaída é reativada graças a uma crescente demanda de objetos “exóticos” nas próprias cidades do país e do estrangeiro.” (CANCLINI, 1983, p.66).

Logo, nos chama atenção quando vemos peças feitas à mão com detalhes, pois estas saem do modo padronizado dos objetos feitos pelas máquinas. De acordo com

Walter Benjamin (1955), é mostrado que a indústria devido a reprodutibilidade técnica das peças faz estas perderem sua autenticidade. Contudo, os artesãos mantêm a originalidade dos produtos, pois mesmo que eles fabriquem em série, os objetos ainda assim não serão totalmente iguais, por causa das “imperfeições manuais”.

Outro fator que também chama atenção, é que o artesanato de cipó é feito com um material da natureza. Mas, alguns artesãos utilizam produtos industriais nas suas obras para dar uma aparência mais moderna para o objeto. A junção entre o moderno e o arcaico é visto por Oswald de Andrade (1976), no seu Manifesto da Poesia Pau-Brasil, como uma solução para ser regional na sua época. Vemos a implementação da tinta de spray na arte do cipó (na imagem abaixo), deixando-a com uma aparência mais moderna. E no seu Manifesto Antropofágico, ele mostra que o problema não está na incorporação de algumas características do exterior, desde que estas não apaguem os aspectos primitivos.

No Manifesto Regionalista de Gilberto Freyre (1996), a análise entre as apropriações de objetos culturais externos inapropriados pelo ambiente brasileiro é ressaltada. Nele, Freyre relata que a apropriação do Papai Noel, com seus casacos e pinheiros natalinos representam uma realidade totalmente divergente da nossa, pela incompatibilidade do nosso clima de se utilizar roupas quentes e ter pinheiros. Contudo, é observado que a comunidade do Vitorino ressignifica a árvore natalina trazendo seu material para algo mais comum ao povo da região, no caso o cipó.



Árvore de Natal produzida por artesão local.

Foto: Dayane Carvalho



Artesã fazendo encomendas do artesanato de cipó.

Foto: Dayane Carvalho

CONCLUSÃO

Em vista dos resultados apresentados pela pesquisa de campo no distrito da zona rural de Riacho das Almas, na Vila do Vitorino, fizemos comparações baseando-se em alguns textos trabalhados na disciplina de Comunicação e Culturas Populares, ministrada pela professora Fabiana Moraes e complementamos com demais textos interdisciplinares.

Observamos como se estabelecem as relações fundamentais na comercialização, voltada aos aspectos da festa no Festival do Frio e da produção do artesanato de Cipó. No primeiro caso, vimos que é voltada ao turismo, devido as baixas temperaturas. E no segundo caso, ela se dá diante a venda externa, em feiras de cidades vizinhas. Como mostra Heloísa Buarque (2012), a cultura e seus derivados, a partir do início do século XXI, passou a ser vista como um recurso de viés mercantilista.

Abordamos também que o artesanato feito de cipó e o festival carregam consigo valores como: disseminar a tradição local, moldar os fatores econômicos e caracterizar a identidade de um povo. Porém, mesmo sabendo da importância do artesanato, no Vitorino não há implantação dos objetos feitos de cipó no Festival do Frio, mesmo que este seja típico da representação da cultura local.

Dessa forma, a festa e o artesanato do interior de Pernambuco viraram campo de observação, no qual relacionamos com os textos apresentados, merecendo destaque o livro de Canclini (1983). Observamos como os objetos culturais costumam sofrer a partir de aspectos externos, modificando suas vendas, representação e simbologia.

REFERÊNCIAS

CANCLINI, Néstor G. **As culturas populares do capitalismo**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983.

CANCLINI, Néstor G. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

BEJAMIN, Walter. **A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica**. Coleção Os pensadores. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1955.

ANDRADE, Oswald de. **O manifesto antropófago**. In: TELES, Gilberto Mendonça. Vanguarda européia e modernismo brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas. 3ª ed. Petrópolis: Vozes; Brasília: INL, 1976.

FREYRE, Gilberto. **Manifesto regionalista**. 7.ed. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1996.

HOLLANDA, Heloísa B. **Cultura como recurso**. Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, Salvador, 2012.